

## RODA DE CONVERSA “SOU MULHER, SOU MÃE”: REFLEXÕES SOBRE MATERNIDADE, FORMAÇÃO ACADÊMICA E TRABALHO

Cristina Vianna Moreira dos Santos<sup>1</sup>; Bruna Andrade Irineu<sup>2</sup>; Hellen Karita Rabelo da Silva<sup>3</sup>; Maria-Leticia Di Rodrigues Araújo<sup>4</sup>  
*Universidade Federal do Tocantins*

**Resumo:** O Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos integra iniciativas de formação em educação em direitos humanos com especial atenção para gênero, sexualidade, raça/etnia e interseccionalidades. O debate em torno dos direitos sexuais e reprodutivos constitui uma agenda de ações e práticas educativas que fomentam a reflexão crítica feminista na formação interdisciplinar e multiprofissional. Em maio de 2017, o núcleo organizou o evento aproveitando a data alusiva de dia das mães na Universidade Federal do Tocantins no Câmpus de Miracema. O encontro incluiu uma roda de conversa intitulada “Sou mulher, sou mãe: qual meu espaço na universidade?”, que foi conduzida pelas coordenadoras do núcleo com estudantes e mães da comunidade sobre as contradições e dilemas da maternidade, a conciliação com a formação acadêmica e com o trabalho remunerado, dificuldades e desafios cotidianos. Participaram da roda de conversa 35 pessoas, entre estudantes dos cursos de Serviço Social, Pedagogia, Psicologia e Educação Física e pessoas da comunidade. A metodologia da roda de conversa objetivou dialogar sobre contradições e desafios da maternidade, permitindo o compartilhar de experiências. Foram apontadas como dificuldades a idealização e romantização da vivência da maternidade, a cobrança e pressão social experimentada, sentimentos de angústia, ansiedade e medo, depressão e adoecimento emocional, falta de apoio e suporte familiar, e falta de apoio da universidade. A roda de conversa permitiu levantar e acolher demandas comuns vividas pelas mulheres mães, estimulando o diálogo em uma perspectiva crítica feminista e de gênero, para elas problematizarem vivências e buscarem apoio.

**Palavras-chave:** Feminismo; Maternidade; Gênero.

### Introdução

A reflexão para superação das relações de desigualdade entre os gêneros revela a preocupação de autoras/es feministas com as mulheres como sujeito político. O corpo como significação política estabelece distinções entre homens e mulheres, e entre as próprias mulheres. Deste modo, o tema da maternidade tem sido central na perspectiva dos estudos feministas e de gênero, pois ainda que pesquisadoras/es se debrucem sobre distintas tensões teóricas compreende-se que os corpos das mulheres, regulados pelo Estado, sociedade e Igreja por meio da maternidade compulsória,

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Vice-líder do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos (UFT). Email: cristina.vianna@uft.edu.br

<sup>2</sup> Professora do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Líder do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos (UFT). Email: brunairineu@uft.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Estagiária do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos (UFT). Email: hellen\_bjs\_@hotmail.com

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Bolsista de Pesquisa do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos (UFT). Email: marialeticiaaraujo@hotmail.com

reproduzem o sentido obrigatório deste exercício construindo e reforçando a representação que partilhamos coletivamente do que significa socialmente ser uma “mulher de verdade”.

Navarro-Swain (2005) afirma que de acordo com a expectativa social para o sexo/gênero, para ser uma verdadeira mulher, não basta ser jovem, bela e sedutora, é preciso ser fértil, pois nisso reside a essência feminina. A análise feminista descortina que a maternidade se institui como lugar básico do sujeito “mulher”, sendo o resultado de significações sociais e heterossexuais sobre os corpos que direcionam e tornam homogêneos os desejos e o modo de ser no feminino.

O contraponto proposto por Mattar e Diniz (2012) enfatiza a maternidade em uma perspectiva de direitos humanos como uma vivência que deve ser voluntária, segura, socialmente amparada e prazerosa. A maternidade é voluntária quando resulta de uma escolha consciente da mulher, e/ou do casal, que a partir do desejo e da autonomia torna-se mãe. Ela é segura quando é garantida como direito humano no campo da saúde e da proteção. É socialmente amparada quando entendida como responsabilidade do casal, da família e da sociedade, a partir de uma perspectiva cidadã que valoriza seu exercício como trabalho social. Finalmente, uma maternidade prazerosa é aquela vivida de forma satisfatória do ponto de vista físico e emocional, desde a gestação, no parto e puerpério.

Este relato de experiência enfatiza a produção de uma estratégia metodológica feminista para refletir sobre as experiências de mulheres mães, suas dificuldades e os desafios que ficam silenciados em uma lógica heteronormativa, machista e misógina. A perspectiva feminista tem especial preocupação, na relação com as participantes, com o lugar das pesquisadoras, e faz parte do seu método apontar para as consequências e implicações de sua investigação (NARVAZ e KOLLER, 2006; NEVES e NOGUEIRA, 2005). Uma dessas implicações consiste na construção de uma pesquisa para mulheres e não simplesmente sobre mulheres (OLESEN, 2008). As metodologias feministas referem-se menos à utilização de técnicas específicas de coleta e análise de dados que à inclusão de uma crítica de gênero sobre o conhecimento produzido.

O objetivo geral da roda de conversa foi promover um espaço de diálogo e debate sobre as dificuldades de ser mãe e sobre conciliar a maternidade com formação acadêmica e trabalho remunerado. A roda de conversa permitiu levantar as dificuldades na conciliação dos papéis de mãe, estudante e trabalhadora, discutindo a importância e a necessidade de assistência estudantil para as mães no contexto universitário, e destacando o papel das metodologias feministas na aproximação e diálogo sobre as experiências de mulheres a partir da ótica dos direitos humanos.

## Metodologia

O presente relato de experiência refere-se ao encontro com estudantes e comunidade, mediado pelas coordenadoras do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos, em uma roda de conversa intitulada “Sou mulher, sou mãe: qual meu espaço na universidade?” desenvolvida na Universidade Federal de Tocantins no Câmpus de Miracema.

A roda aconteceu durante o evento de comemoração do dia das mães e teve duas horas de duração. Contou com a participação de 35 pessoas, 32 mulheres e 4 homens, a maioria estudantes do Serviço Social, Pedagogia, Psicologia e Educação Física, e foi conduzido pelas coordenadoras que registraram o encontro em diários de campo. Após a apresentação da proposta de trabalho, a conversação se desenvolveu acolhendo relatos sobre os desafios vivenciados desde a gravidez, a aceitação ou a falta de apoio familiar, o adoecimento mental, a vivência da maternidade na universidade, a relação com professoras/es e colegas, a necessidade de apoio e assistência estudantil. Cinco mulheres destacaram suas experiências de maternidade e serão identificadas por nomes fictícios.

Figura 1 – Roda de Conversa: “Sou mulher, sou mãe: qual meu espaço na universidade?”



Fonte: Dicom/UFT, 2017.

Figura 2 – Roda de Conversa: “Sou mulher, sou mãe: qual meu espaço na universidade?”



Fonte: Dicom/UFT, 2017.

## Resultados e Discussões

De modo geral, as mães que participaram da roda de conversa compartilharam que a vivência da maternidade tem regras rígidas a serem seguidas e comportamentos ideais a serem atingidos. As participantes apontaram a idealização e romantização da maternidade, a cobrança e pressão social experimentada, sentimentos de angústia, ansiedade, medo, depressão e adoecimento emocional, falta de apoio e suporte familiar, falta de apoio da universidade.

Isabel tem duas filhas e contou que ser mãe é uma coisa muito boa, que há uma relação de amor muito linda, mas afirmou que existe a dificuldade de conciliar o estudo com a maternidade, e por muitas vezes, precisou e ainda precisa levar a filha mais nova para sala de aula. Contou que existe muita cobrança em torno das mães e como tem que se dividir em vários papéis para conseguir atender a demanda de sua família. Como a maioria das participantes, ela é responsável pelos deveres de casa e relacionados aos filhos. A sobrecarga de tarefas, ligadas a papéis sociais definidos para mulheres, banaliza todo o conjunto do trabalho que é gerenciar atividades domésticas, de cuidado com os filhos,



e formação acadêmica. Isabel diz que não há apoio por parte da universidade, e que a filha acaba ficando em sala de aula junto com ela, comprometendo, assim, seu rendimento. A experiência de levar filhos para a sala de aula e ter que negociar com professores e colegas, faz parte do cotidiano de muitas mães que ficam reféns desta situação, fazendo parecer que não se trata de garantia de direitos, que tudo depende apenas da compreensão e do humor de cada professor/a.

Eunice está grávida de oito meses e disse que sua gravidez, que é a primeira, foi planejada, mas que mesmo assim existe a ansiedade e o medo do futuro, do que possa acontecer à criança. Amor e preocupação se misturam e se desdobram em vivências de ansiedade, angústia e medo. Ela também questionou o fato da maternidade ser romantizada e superestimada, denunciando a idealização de uma “super-mãe” que consegue conciliar todos os papéis atribuídos às mulheres. Compartilhou que há uma imagem social que a mulher tem que passar quando se torna mãe, denunciando assim, através da vivência pessoal, o campo político do controle sobre os corpos por meio da inteligibilidade materna. Eunice apontou que sente sua identidade de mulher ameaçada por uma nova identidade de mãe e as cobranças em torno desta. Afirmou que quer continuar sendo ela mesma, mesmo com a chegada da filha. A imagem de mulher ideal não inclui somente a juventude, mas também a beleza e a fertilidade. A identidade das mulheres é construída a partir de um imaginário que as coloca sempre em relação ao olhar de um outro, que é homem. Produzida a partir do outro, a distorção da identidade se torna naturalizada com a chegada de filhos que passam a dar um único lugar de experiência legítima para a mulher que se tornou mãe – ser apenas mãe, o que passa a construir uma nova identidade.

Débora relatou que sofreu preconceito por parte de professoras/es quando precisou levar seu filho para a sala de aula, e por conta dessa pressão, ela desistiu da universidade. Retornou somente quando a criança já estava maior, e por conta disso, compartilhou que ainda tem mágoa em sua relação com a maternidade, e que sofre com insegurança e medo da reprovação alheia. O preconceito e a discriminação vividos por mães estudantes no contexto universitário apontam um problema real agravado pelas condições de vida materiais e emocionais de cada mulher, mas que em comum denunciam a falta de apoio institucional. Débora afirmou que gosta de ser mãe, mas que no início de sua gravidez, tudo foi traumático e difícil. Disse que sente saudade de usar manequim 36, o que aponta os mecanismos de engendramento dos corpos femininos a partir de um padrão ideal para mulheres. Compartilhou que não é chamada pelo nome, mas sim como a esposa de “fulano” e a mãe de “ciclano” e que não acha correto, revelando os dispositivos de construção da identidade mulher a partir do referencial homem em contexto heteronormativo (BUTLER, 2003), minando sua condição de sujeito político.

Rebeca contou que foi mãe muito cedo e, por isso, acabou sendo expulsa de casa, não teve o apoio da família, e a maternidade virou um pesadelo, um problema sem saída. Revelou que sofreu depressão e pensou em tirar a própria vida. Levando em conta sua saúde mental, é preciso destacar que um dos dois maiores fatores de risco para suicídio é a presença de um transtorno mental configurado. A depressão, assim como os demais transtornos de humor estão mais associados ao risco de suicídio do que outros transtornos mentais. O relato revelou que a condição de abandono, discriminação e violência sofrida culminaram em adoecimento e comprometeram sua saúde mental. Rebeca afirmou ainda que a maternidade é cheia de preconceitos e tabus, que a mulher não tem poder sobre o próprio corpo, e há uma falta de liberdade. Disse que a maternidade está sempre sob o julgamento dos outros, desvelando os dispositivos de controle sobre os corpos femininos. Após alguns anos, Rebeca fez as pazes com a família. Contou que ama a filha, e que está longe dela para conseguir estudar, em busca de uma vida melhor, mas sofre muito com esta situação. Criar a filha na casa dos pais inclui uma relação de cuidado e preocupação à distância, e exige administrar o afeto e a saudade.

Heloísa tem um filho e está grávida de uma menina. Contou que nenhum deles foi planejado e a primeira experiência de maternidade aconteceu quando ela ainda era muito nova. Por conta de sua primeira gravidez ter sido muito traumática, afirmou que tem dificuldades de aceitar a segunda. Contudo, está se debruçando sobre sua barriga e tentando superar a experiência negativa da sua primeira gravidez. Revelou a falta de apoio da família que enxerga a maternidade como obrigação das mulheres, reificando os lugares de desigualdade de gênero no cuidado e responsabilidade com a criação dos filhos, por meio de relações familiares organizadas por regras tradicionais mantidas pelo machismo e pelo sexismo. Heloísa afirmou que ser mãe dá medo por toda a expectativa gerada em torno da construção da identidade dos filhos. Destacou a necessidade de apoio e assistência estudantil na universidade, denunciando a discriminação sofrida pelas mães estudantes em seu percurso de formação acadêmica. Heloísa acredita que um encontro como a roda de conversa serve para discutir relações de gênero e poder no âmbito da vida familiar e da convivência estudantil e comunitária, reforçando a importância de um espaço crítico e reflexivo de trocas sobre experiências das mulheres.

Figura 3 – Roda de Conversa: “Sou mulher, sou mãe: qual meu espaço na universidade?”



Fonte: Dicom/UFT, 2017.

## Conclusões

A metodologia da roda de conversa é utilizada por diversas áreas que buscam um processo interativo e dialogado na prática de intervenção e na pesquisa. Neste caso, a roda foi planejada levando em conta perguntas e apontamentos que costuraram experiências de mulheres mães e a crítica de gênero. Os relatos foram construídos em um contexto de acolhimento, respeito às diferenças e valorização da vivência subjetiva.

Em uma conversa como a que foi proposta, esperava-se que muitas outras participantes relatassem suas vivências e dificuldades em relação a maternidade e seus conflitos. Entretanto, como um movimento comum da dinâmica dos grupos, um encontro por um breve período de tempo, que discute um tema mobilizador, pode inibir pessoas a compartilharem publicamente suas experiências.

O protagonismo de algumas mulheres no encontro grupal foi exercido por meio de diversos relatos e reflexões sobre diferentes dimensões da maternidade: a problematização sobre sua identidade, a crítica à romantização da experiência, a denúncia da sobrecarga de papéis e tarefas, o

relato do preconceito e da discriminação vividos, o desabafo sobre o adoecimento mental e as estratégias de enfrentamento no cotidiano, bem como o apontamento da necessidade de apoio por parte da assistência estudantil, enfatizando a maternidade como direito reprodutivo.

A ação através da perspectiva da metodologia feminista pretendeu dar visibilidade ao pessoal que é político na medida em que as necessidades de mulheres que são mães e estudantes, levantadas na roda de conversa, se tornam demanda para a assistência estudantil. Considerando que o contexto grupal, a partilha coletiva e a participação política são instrumentos potentes das trocas intersubjetivas na promoção de relações mais democráticas, a experiência da roda de conversa no contexto universitário permitiu construir um encontro reflexivo apoiado nos estudos feministas e na crítica de gênero sobre as diversas realidades maternas e as vivências partilhadas.

### **Referências**

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MATTAR, L. D. ; DINIZ, C. S. G. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. In: **Interface: comunicação, saúde, educação**. Botucatu, v. 16, n. 40, p. 107-119, jan./mar. 2012.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In: **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, p. 647-654, 2006.
- NAVARRO-SWAIN, T. Mulheres, sujeitos políticos: que diferença é esta? In: NAVARRO-SWAIN, T. & MUNIZ, D. do C. G. (Orgs.), **Mulheres em ação: práticas discursivas, práticas políticas**. Santa Catarina: Editora Mulheres e Editora PucMinas, 2005. p. 337-354.
- NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologias feministas: a reflexividade a serviço da investigação nas Ciências Sociais. In: **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 18(3), p. 408-412, 2005.
- OLESEN, V. L. Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.), **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, p. 219-257, 2008.